



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 18 de janeiro de 2017

[Multimídia]

Bom dia, caros irmãos e irmãs!

Na Sagrada Escritura, entre os profetas de Israel sobressai uma figura um pouco singular, um profeta que procura subtrair-se à chamada do Senhor, rejeitando pôr-se ao serviço do plano divino de salvação. Trata-se do profeta Jonas, cuja história se narra num livrinho de apenas quatro capítulos, uma espécie de parábola portadora de um grande ensinamento, o da misericórdia de Deus que perdoa.

Jonas é um profeta «em saída» e também um profeta em fuga! É um profeta em saída, que Deus envia «para a periferia», Nínive, para converter os habitantes daquela grande cidade. Mas para um israelita como Jonas, Nínive representava uma realidade insidiosa, o inimigo que punha em perigo a própria Jerusalém, e portanto devia ser destruída, certamente não salva. Por isso, quando Deus envia Jonas a pregar naquela cidade, o profeta que conhece a bondade do Senhor e o seu desejo de perdoar, procura subtrair-se à sua tarefa e foge.

Durante a sua fuga, o profeta entra em contacto com alguns pagãos, os marinheiros da nau na qual tinha embarcado para se afastar de Deus e da sua missão. E foge para longe, porque Nínive estava situada na região do Iraque e ele foge para a Espanha, foge a sério. E é exatamente o comportamento daqueles homens pagãos, como depois será o dos habitantes de Nínive, que hoje nos permite refletir um pouco sobre a *esperança* que, diante do perigo e da morte, *se exprime na oração*.

Com efeito, durante a travessia do mar, abate-se uma tremenda tempestade e Jonas desce ao porão do navio, abandonando-se ao sono. Os marinheiros, ao contrário, vendo-se perdidos, «puseram-se a invocar cada qual o seu deus»: eram pagãos (*Jn 1, 5*). O capitão do navio acorda

Jonas, dizendo-lhe: «O que fazes, dormes? Levanta-te e invoca o teu Deus, para ver se porventura Ele se lembra de nós e nos livra da morte» (*Jn 1, 6*).

A reação daqueles «pagãos» é a reação justa perante a morte, diante do perigo; porque é então que o homem faz uma experiência completa da sua fragilidade e da sua necessidade de salvação. O instintivo terror de morrer revela a necessidade de *esperar no Deus da vida*. «Para ver se porventura Ele se lembra de nós e nos livra da morte»: são as palavras da *esperança que se torna oração*, aquela súplica cheia de angústia que se eleva dos lábios do homem diante de um iminente perigo de morte.

Com muita facilidade desprezamos a súplica a Deus na necessidade, como se fosse apenas uma oração interessada e por isso imperfeita. Mas Deus conhece a nossa debilidade, sabe que nos recordamos dele para pedir ajuda, e com o sorriso indulgente de um pai, Deus responde benignamente.

Quando Jonas, reconhecendo as suas responsabilidades, se deixa lançar ao mar para salvar os seus companheiros de viagem, a tempestade aplaca-se. A morte incumbente impeliu aqueles homens pagãos à oração, fez com que o profeta, não obstante tudo, vivesse a sua vocação ao serviço dos outros aceitando sacrificar-se por eles, e agora leva os sobreviventes ao reconhecimento do verdadeiro Senhor e ao louvor. Os marinheiros que, tomados pelo medo, tinham rezado dirigindo-se aos próprios deuses, agora com sincero temor do Senhor reconhecem o verdadeiro Deus, oferecem sacrifícios e cumprem votos. A esperança que os tinha induzido a rezar para não morrer revela-se ainda mais poderosa e concretiza uma realidade que vai até além daquilo que eles esperavam: não só não perecem na tempestade, mas abrem-se ao reconhecimento do verdadeiro e único Senhor do céu e da terra.

Sucessivamente, também os habitantes de Nínive, diante da perspectiva de ser destruídos, *rezarão impelidos pela esperança no perdão de Deus*. Farão penitência, invocarão o Senhor e converter-se-ão a Ele, a começar pelo rei que, como o capitão do navio, dá voz à esperança dizendo: «Talvez Deus se arrependa [...] e não nos deixe perecer!» (*Jn 3, 9*). Inclusive para eles, assim como para a tripulação na tempestade, ter enfrentado a morte e dela ter saído vivos guiou-os à verdade. Assim, sob a misericórdia divina, e ainda mais à luz do mistério pascal, a morte pode tornar-se, como foi para São Francisco de Assis, «nossa irmã morte» e representar, para cada homem e para cada um de nós, a surpreendente ocasião de conhecer a esperança e de encontrar o Senhor. Que o Senhor nos leve a entender este vínculo entre oração e esperança. A oração leva-te em frente na esperança, e quando a situação se torna obscura, é preciso rezar mais! E haverá mais esperança.

Obrigado!

Saudações

Recordo com emoção a prece ecuménica em Lund, na Suécia, no dia 31 de outubro passado. No espírito daquela comemoração comum da Reforma, nós olhamos mais para o que nos une do que para quanto nos divide, e prosseguimos o caminho juntos para aprofundar a nossa comunhão e para lhe dar uma forma cada vez mais visível.

Na Europa esta fé comum em Cristo é como um fio verde de esperança: pertencemos uns aos outros. Comunhão, reconciliação e unidade são possíveis! Como cristãos, temos a responsabilidade desta mensagem e devemos testemunhá-la com a nossa vida. Deus abençoe esta vontade de união e preserve todas as pessoas que percorrem o caminho da unidade.

Com sentimentos de grata estima, vos saúdo, caríssimos peregrinos de língua portuguesa, em particular a vós, jovens do grupo «*The Brazilian Tropical Violins*», lembrando a todos que hoje tem início o Oitavário de Oração pela Unidade dos Cristãos, um motivo mais de apelo à nossa comunhão de preces e de esperanças. O movimento ecuménico vai frutificando, com a graça de Deus. O Pai do Céu continue a derramar as suas bênçãos sobre os passos de todos os seus filhos. Irmãs e irmãos muito amados, servi a causa da unidade e da paz!

Dirijo as cordiais boas-vindas aos peregrinos de língua árabe, em particular aos provenientes do Médio Oriente! Estimados irmãos e irmãs, a oração é a chave que abre o Coração misericordioso de Deus. É a maior força da Igreja, que nunca devemos abandonar. Sede «perseverantes e concordes na oração», como o foram Nossa Senhora e os Apóstolos. O Senhor vos abençoe!

Finalmente, saúdo os jovens, os doentes e os recém-casados. Hoje tem início a Semana de oração pela unidade dos cristãos, que este ano nos leva a meditar sobre o amor de Cristo que impele rumo à reconciliação. Amados jovens, rezai a fim de que todos os cristãos voltem a ser uma única família; estimados doentes, ofereci os vossos sofrimentos pela causa da unidade da Igreja; e vós, diletos recém-casados, vivei a experiência do amor gratuito, como é o de Deus pela unidade.